

O IDIOMATISMO DA ESCRITA PARA CLARINETA NA OBRA A VIDA PELA FLOR DE JOAQUIM NAEGELE

Daniel Souza de Araujo

Universidade Federal de Goiás – UFG

Mestrado em Música (Música Criação e Expressão)

SIMPOM: Subárea de Linguagem e Estruturação / Teoria da Música

Resumo: Este artigo é uma revisão bibliográfica-documental que sintetiza um esforço em expor uma obra brasileira, para clarineta e banda musical de concerto, da qual enriquece o repertório deste instrumento, ao mesmo tempo em que lança iniciativas para um estudo mais detalhado deste gênero musical. Portanto, trazemos à tona a peça “A Vida pela Flor” escrita pelo maestro e compositor Joaquim Antônio Langsdorf Naegele. A música “A Vida pela Flor” é atípica por fazer uso da fantasia dentro do contexto de repertório para banda. Sua estrutura dividida em introdução, 1º. tema com duas variações, 2º. tema com cinco variações e codeta, se diferencia da estrutura simples da maioria das obras voltada para banda como os dobrados, polcas, mazucas, valsas entre outras. Embora existam várias peças para clarineta solo e banda escrita por compositores estrangeiros, no Brasil são poucas as composições para esta formação musical. Uma das primeiras obras para clarineta e banda composta por um brasileiro, “A vida pela Flor”, destaca-se pela virtuosidade se levada em conta que na época foi executada por instrumento com menos recursos técnicos, fato este notável. Apesar das peças deste compositor serem direcionadas para a banda de música e a FUNARTE publicar três de suas obras, a divulgação da “A vida pela Flor” enriquecerá o repertório deste instrumento, ao mesmo tempo em que lança iniciativas para um estudo mais detalhado deste gênero musical. Por entender que esta peça é pouco conhecida entre os maestros, professores e clarinetistas este estudo pode despertar o interesse desses profissionais em conhecer esta obra, o compositor e a riqueza cultural que este contexto traz.

Palavras-chave: Banda de música; A vida pela flor; Joaquim Naegele; Fantasia para clarineta solo e banda de música.

The Idiomatism for clarinet in the work “A vida pela Flor” by Naegele

Abstract: This article is a bibliographical-documentary summarizes an effort to expose a Brazilian work for clarinet and concert band music, which enriches the repertoire of the instrument, while launching initiatives for a more detailed study of the genre. So, bring to light the play "A vida pela flor" written by the conductor and composer Antonio Joaquim Langsdorf Naegele. The song "Life for Flowers" is atypical for making use of fantasy within the context of repertoire for band. Its structure divided in the introduction, 1. theme with two variations, 2. theme with five variations and codetta, differs from the simple structure of most works focused on how the band folded, polkas, mazucas, waltzes and more. Although there are several pieces for solo clarinet and band written by foreign composers in Brazil are few compositions for this musical. One of the first works composed for clarinet and band by a Brazilian, "A vida pela flor", is distinguished by virtuosity is taken into account that at the time was run by an instrument with fewer technical resources, this remarkable fact. Although parts of this composer to be directed to the band and FUNARTE publish three of his works, the publication of "Life by the Flower" will enrich the repertoire of the instrument, while launching initiatives for a more detailed study of the genre. Considering that this piece is little known among teachers, professors and clarinetists this study can arouse the interest of these professionals to know this work, the composer and rich cultural context that this brings.

Keywords: Band music; the flower's life; Joaquim Naegele; Fantasy for solo clarinet and band music.

1. Introdução

A banda de música sempre trouxe encanto e atração aos que a ouvem e aos músicos que nela tocam. Ela desempenhou continuamente o papel de manter guardada a tradição musical popular brasileira além de refletir o espírito associativo de nosso povo, mantendo-se um fecundo manancial de formação de instrumentistas. (SALLES, 2002, p. 222–229).

Um instrumento indispensável para compor esta formação musical é a clarineta. Este instrumento tem o mesmo papel que os violinos em uma orquestra. Todavia nem sempre foi assim. LAWSON (2000, p. 11 – 21) expõe em seu livro *“The Early Clarinet: A Practical Guide”* a trajetória percorrida pelo *chalumeau* (antecessor da clarineta) e o instrumento atual para adaptar-se aos grupos instrumentais desde o Barroco até o século XX, e nos dá um panorama histórico do instrumento e de seu repertório.

A clarineta é envolta por uma dicotomia quanto aos eventos históricos que envolvem a sua criação. Fato é que desde sua concepção, a clarineta foi largamente empregada por compositores que escreviam para grupos de câmara que executavam suas peças ao ar livre e em bandas de música. (DAVIES, 2001, p. 75). Sua utilização no repertório orquestral expandiu-se a partir do classicismo com a utilização por Mozart em concertos, sonatas e varias peças para grupo de instrumentos de sopro. Todavia, BRUM (1998, p. 9–10) afirma que a sua inserção na banda ocorreu durante o romantismo (século XIX), o que nos leva a acreditar que anterior ao romantismo o instrumento usado para compor a banda de música era uma forma ainda pouco evoluída da antiga *“chalumeau”*, ancestral mais próxima da clarineta.

A obra abordada neste projeto, *“A Vida pela Flor”*, possui uma textura homofônica por vezes homorítmica e se encaixa dentro da instrumentação da banda musical de concerto que segundo LIMA (2000, p. 39) possui entre os instrumentos melódicos: as flautas, flautins, clarinetas, saxofones, trompetes, trombones, bombardinos, tubas e /ou sousafones, além de permitir instrumentos como oboés, cornos, fagotes, contra-fagotes, requintas, clarones, trompas, contrabaixo acústicos, celesta e xilofone, além de instrumentos de percussão.

Em uma tentativa de classificar a banda de música, BRUM (1988, p. 12–13) divide-a em três tipos: Pequena ou militar, média e grande (banda sinfônica) de acordo com o número de instrumentos utilizados. Por conseguinte, LIMA (2000, p. 37 – 40) classifica as bandas não pela quantidade de instrumentos, mas pelo tipo de instrumentos empregados. Logo temos:

Fanfarra simples, fanfarra com um pisto, banda marcial, banda de concerto, banda de apresentação, banda de percussão.

O presente projeto sintetiza um esforço em expor uma obra brasileira, voltada para clarineta e banda musical de concerto, da qual enriquece sem medida o repertório deste instrumento ao mesmo tempo em que lança iniciativas para um estudo mais detalhado deste gênero musical.

2. Autor

A obra “A vida pela flor” escrita pelo compositor brasileiro Joaquim Antônio Langsdorff Nægele tem o título original em alemão “*Leben durch die Blume*“. Este título talvez tenha sido resultado da cultura herdada de seus pais Eduardo Hermano Naegele e Elvira Frederica Langsdorff. Esta foi filha do Barão Georg Heinrich von Langsdorff médico e explorador nascido na Prússia e naturalizado russo que em 1813 chega ao Brasil na cidade do Rio de Janeiro para estudar história natural.

Joaquim Antônio Langsdorff Nægele nasceu no dia 2 de Junho de 1899 em Santa Rita do Rio Negro 3º distrito de Cantagalo, hoje Euclidelândia, no Estado do Rio de Janeiro. Iniciou seus estudos em música quando ainda criança com o professor italiano Caetano Zucki que exercia a função de maestro na banda União Santarritense do qual foi mais tarde regente. Aos sete anos de idade já tocava clarinete e trompete. Era considerado um músico fantástico, autêntico e Virtuoso, pois ainda jovem já conhecia e tocava todos os instrumentos de sopro. Apesar de não haver nenhum registro no Instituto Nacional de Música, segundo CORREIA (2004, p. 1), neto do compositor, Naegele completou sua formação com o Maestro Antônio Francisco Braga que lhe ensinou contraponto e fuga.

Sua primeira composição surgiu quando tinha por volta de vinte anos de idade com o dobrado Americano, feito em homenagem ao time de futebol do qual ele era partícipe.

Um fato importante na vida de Neagele foi o ingresso na banda da Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense em 04 de janeiro de 1925, assumindo a função de regente até 1950. Neste período, produziu boa parte de suas obras (Marchas Militares, Polcas, Mazurca, Valsas, além de adaptações de trecho de óperas). Retornou a Nova Friburgo em 1965 onde a Campesina Friburguense, sobre sua regência, gravou três Lp's e iniciou o preparo para as comemorações da Sociedade Beneficente Campesina Friburguense (fundada em 1870).

O período entre seu retorno (1965) até sua saída (1970) foi considerado, por muitos músicos, o mais profícuo. É no final deste período que foi composta a fantasia para clarineta “A vida pela flor” datada de seis de janeiro de 1971.

Paralelo a estas atividades, Naegele fundou a Escola de Música Flor do Ritmo, com sede no bairro do Méier em 20/04/1952. A escola fazia parte da Sociedade Musical Flor do Ritmo, que tinha uma banda de música, orquestra de bailes e um time de futebol (Grêmio Artístico do Méier) que segundo CORREIA (2004, p. 2) “[...] foi considerada utilidade pública pela Câmara Municipal, através do projeto de lei nº 936-50 de julho de 1959”. Sobre esta escola escreveu FALCÃO (1982):

A sociedade Musical Flor do Ritmo tem uma banda famosa, é verdade, mas representa muito mais do que uma simples sociedade musical no Grande Meier. Seu criador, o maestro Joaquim Antonio Naegele, não é apenas o professor de instrumentos de sopro, cordas e percussão que há 30 anos ensina os primeiros acordes à garotada do bairro; ele é também um dos mais ativos líderes da comunidade, o fundador da antiga Sociedade de Amigos do Méier, uma das primeiras associações de moradores a surgir no Rio de Janeiro.

Um dos maiores reconhecimentos do trabalho do Maestro Joaquim Naegele foi realizado pela FUNARTE que em 1994 organizou o 1º Inventário Nacional de Música para Banda. Para este inventário selecionou-se 80 entre as 1500 músicas inscritas para iniciarem “O Repertório de Ouro das Bandas de Música do Brasil”, premiando cada autor selecionado com 100 mil cruzeiros em dinheiro e um troféu. Entre os oito primeiros autores têm os maestros: Francisco Braga, Ducelano Pereira, Manoel Rodrigues da Silva e Joaquim Naegele. Um artigo foi dedicado a este evento no Jornal do Brasil que continham as seguintes palavras:

Para a comissão, foi muito significativo o resultado deste primeiro levantamento da memória musical das bandas de músicas brasileiras. As bandas participantes realizaram uma pesquisa cuidadosa dos arquivos musicais de cada região e, com este trabalho, muitas composições valiosas do passado vão agora se incorporar ao repertório das bandas, deixando de ser um patrimônio esquecido e circunscrito a uma região para se integrarem ao patrimônio vivo da cultura musical do Brasil”. (*Jornal do Brasil*, 1984).

Faleceu em três de março de 1986, aos 86 anos de idade, vitimado por um câncer, que mesmo em seu leito não o tirou o ânimo de escrever os seus geniais dobrados para serem tocados nas bandas de música do Brasil.

3. A Obra e sua Forma

Composta em 06 de janeiro de 1971, foi executada pela primeira vez por Silvino José Lemos em Riograndina, distrito de Nova Friburgo no Estado do Rio de Janeiro no mesmo ano. Reformado como oficial regente do Corpo de Bombeiro do Rio de Janeiro, o Major Silvino José Lemos, nasceu no município de Sapucaia RJ, filho de Diamarti Lemos e Maria José Caetano Lemos. Iniciou seus estudos musicais com o prof. Ananias e Nestor Monteiro, integrando a Sociedade Musical Carlos Gomes como clarinetista, na cidade de Além Paraíba, MG. Ao se mudar para Nova Friburgo, RJ, foi convidado para participar da Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense como clarinetista sob a direção do maestro e compositor Joaquim .

Como o próprio título indica esta obra foi escrita sob a forma de fantasia que lhe permite uma liberdade estrutural, mas que por si só, esta escolha, pode indicar de antemão a decisão formal do compositor.

Conforme ZAMACOIS (1990, p. 230) a fantasia é uma estrutura livre de todo o traço das formas tradicionais. No início do século XVI, enquanto a fuga tomava forma precisa, a fantasia se opunha com significado contrário, caracterizadas pela alteração de partes que apresentavam estrutura definida por outras construídas com figuras rápidas, escalas, arpejos, etc. A fantasia tem certo aspecto de improvisação e frequentes trocas de compassos, de movimentos e de temas.

A Vida Pela Flor

Fantasia para Clarineta

Joaquim Antonio Naegele

Moderato



Figura 1. Joaquim Naegele - A vida pela flor – Título.

Esta obra é dividida nas seguintes seções: Introdução, 1º. tema com duas variações, 2º. tema com cinco variações e codeta. A Introdução está dividida em cinco sessões: Moderato, Andante Lento, Allegro e Andante, conectadas por pequenas cadenzas.

A introdução é iniciada pela banda com um arpejo em fá maior, seguido por uma repetição rítmica por quatro compassos até chegar à primeira cadenza do clarinete solista.

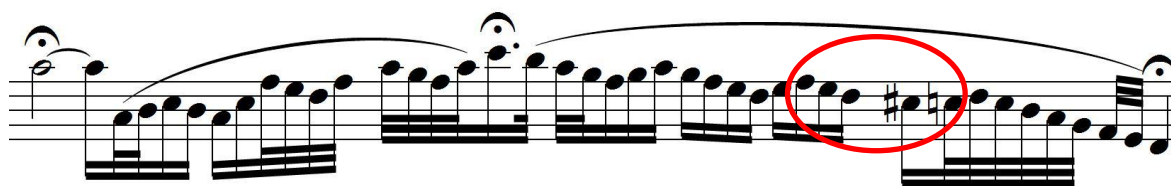


Figura 2. A vida pela flor - Cadência I, em destaque trecho que serve de material melódico tanto para as conexões entre as sessões quanto nas variações do segundo tema.

Apesar da primeira cadenza possuir notas diatônicas, o cromatismo entre o ré e o dó bequadro expõe um material melódico que servirá como conexão entre sessões como também nas retomadas da exposição do segundo tema.

O primeiro tema lembra a polca, uma dança importada da Europa pela elite carioca e popularizada pelas bandas de música no início do século XX. Incorpora em suas características o compasso binário (2/4) de andamento mais saltitante e na maioria das vezes bem rápido.

No princípio era [a polca] tocada nos salões da alta sociedade e executada preferencialmente ao piano. Depois, foi se popularizando e tocada por grupos de chorões, que, com certo jeitinho, ao tentar acompanhar os passos e os remexos do corpo dos bailarinos através da incorporação de novas figuras rítmicas cada vez mais sincopadas, modificavam os acentos da melodia e do acompanhamento, criando um novo estilo musical. (MARCÍLIO, 2009, p.71).

Allegro Moderato

83 1º TEMA

87

91

95

Figura 3. Joaquim Naegele - A Vida pela Flor - Tema I, em destaque o material melódico característico permeado em toda a peça.

Para DINIZ (2007, p. 55) as bandas contribuíram para o abraqueiramento das danças europeias e passou a ocupar um lugar de destaque na sociedade ao participar de festas populares, leilões, rifas, bailes, campanhas políticas e promocionais, saudações a personagens ilustres, enterros de figuras importantes, festas cívicas, procissões, festa de padroeiros e do Carnaval.

O segundo tema é contrastante com o primeiro por ser mais melódico e menos ritmado. Encontra-se no tom de Si bemol maior, uma quinta abaixo do primeiro tema (Fá maior). As cinco variações temáticas são conectadas por uma célula retirada do final do segundo tema, de maneira a dar mais unidade à peça. Sempre ao final de cada variação o compositor retoma o segundo tema em um *tutti* orquestral.

Figura 4. Joaquim Naegele - A Vida pela Flor – Tema II e a célula que serve de transição entre as variações.

As cinco variações temáticas do segundo tema são conectadas por uma célula retirada do final de exposição. Desta maneira, Naegele procurou dar mais unidade à peça que volta sempre ao tema principal. A reexposição do tema é feita por um *tutti* orquestral onde o autor lança mão de toda a instrumentação disponível. Tal fato nos faz refletir sobre a forma utilizada, por ele, para desenvolver a obra. Apesar do título da sessão revelar um tema com suas variações o que se observa é a forma de um simples rondó (A, B, A, C, A, D, A, F, A, G e uma pequena codeta).

Neste ponto temos uma dicotomia entre terminologia “tema com variação” utilizada por Naegele e a forma Rondó. A fim de esclarecer alguns pontos divergentes, encontrados nos termos utilizados nesta obra, faz-se necessário uma breve revisão dos conceitos que envolvem as duas formas composicionais: o tema com variações e o rondó.

O tema com variações veio da tentativa de repetir um tema várias vezes sem que o ouvinte perdesse o interesse pela obra. Conforme ZAMACOIS (1990, p. 136), as variações consistem em um número indeterminado de peças breves, todas baseadas no mesmo tema, que quase sempre são expostas no início da obra. As variações são as transformações melódicas, harmônicas ou rítmicas submetidas ao tema, mantendo as notas, ou parte delas, que compõe a linha melódica principal do tema.

É comum, ao menos as primeiras variações, circunscrever as principais notas às tonalidades vizinhas. Frequentemente, as notas do tema são incluídas nas partes dos movimentos escalares ou dos acordes arpejados. (SCHOENBERG, 2008, p. 204).

Como peça do movimento final nas sonatas clássicas, o rondó, de acordo com SCHOENBERG (2008, p. 229) é caracterizado pela repetição de um ou mais temas separados por seções contrastantes. A repetição de um tema é feita na íntegra e a intercalação é feita por sessões contrastantes no qual se insere um material temático totalmente novo.

Portanto, a principal diferença entre a forma rondó e o tema com variação não está na maneira que se expõe o tema e sim como ele irá ser trabalhado. Em outras palavras, ao se expor um material temático não haverá diferenciação entre um rondó e um tema com variação até a exposição do um novo material temático que tanto pode ser uma variação de um tema já exposto quanto um material temático totalmente novo e contrastante com tema.

4. Conclusão

Nesta discussão mostramos que a forma de “A Vida pela Flor” utiliza-se a estrutura livre de uma fantasia, mas, o autor, busca apegar-se a uma das formas estruturais já concebidas. Logo concluímos que, nesta obra, o termo fantasia advém do processo criativo baseado em uma experiência vivida pelo autor. Apesar de que Joaquim Naegle compor pensando em utilizar um tema com suas variações, ele se deteve em escreve o tema e uma primeira variação, porém ao repetir na íntegra o tema, fez desta sessão um rondó expandido com pequenas variações temáticas no lugar das sessões contrastantes que um rondó simples exigiria.

Embora o título conste “Fantasia”, a obra espelha-se mais a um Rondó (A, B, A, C, A, D, A, E e codeta) , lançando mão ainda a uma escrita composicional livre, quanto a sua forma, podemos dizer que esta obra é bitemática precedido com uma introdução.

Referências

- Associação de Bandas de Música do Estado do Rio de Janeiro (ASBAM-RJ). Disponível em <<http://www.asbamrj.com.br/naegele.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2010.
- BRUM, Oscar da Silveira. *Conhecendo a Banda de Música*. Rio de Janeiro: Ed. Ricordi.1998. p. 9 – 10; 12 – 13.
- CORREIA, Ronald Naegele. *Joaquim Antonio Lansdorf Naegele (1899-1986) Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Monografia (Licenciatura). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2004.
- DAVIES, Jo-Rees. The development of clarinet repertoire In: LAWSON, Colin (org.). *The cambridge companion to the clarinet*. New York: Ed. Cambridge University Press. 2001. p. 75
- FALCÃO, Flávio. Um som que sempre agitou o Méier para além da harmonia musical, *O GLOBO*, Rio de Janeiro, 5 mai. de 1982.
- Fundação Nacional de Arte (FUNARTE). Disponível em <<http://200.143.203.68/novafunarte/funarte/musical/bandas.php>>. Acesso em: 06 set. 2011.
- ?. Funarte oferece prêmios para músicas de banda. *JORNAL DO BRASIL*. Rio de Janeiro, nov. de 1984.
- LAWSON, Colins. *The Early Clarinet: A Practical Guide*. New York: Ed. Cambridge University Press. 2001. p. 11 – 21.
- LIMA, Marco Aurélio de. *A Banda e Seus Desafios: Levantamento e Análise das Táticas que a Mantêm em Cena*. Campinas: Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Artes, 2000. p. 37 – 39.
- MARCÍLIO, Carla Crevelanti. *Chiquinha Gonzaga e o Maxixe*. São Paulo: Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes. 2009, P. 71.
- NAEGELE, Joaquim Antônio Langsdorf, *A Vida pela Flor*. Fantasia para clarineta e banda. Partitura. Rio de Janeiro: manuscrito.
- DINIZ, André – *O RIO MUSICAL DE ANACLETO DE MEDEIROS: A VIDA E OBRA E O TEMPO DE UM MESTRE DO CHORO* – Rio de Janeiro – Editora Zahar:2007 p. 55.
- SALLES, Vicente. Bandas de música: Tradição e Atualidade. IV ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 19 a 21, 2002, *Anais...* Juiz de Fora: Encontro de musicologia histórica, 2002. p. 223 – 231.
- SCHOENBERG, Arnold – *FUNDAMENTO DA COMPOSIÇÃO MUSICAL* – 3ª edição, Ed. EDUSP: São Paulo, 2008.

ZAMACOIS, Joaquín – *Curso de FORMAS MUSICALES*. Barcelona – Espanha: Editorial Labor: 1990. p. 230.

Prefeitura Municipal do Cantagalo. Disponível em
<<http://www.cantagalo.rj.gov.br/web/index.php/filhos-ilustres/140-joaquim-naegele>>. Acesso em: 06 out. 2010.